

**“Ao pó retornarás”:  
um olhar sobre os crematórios e a morte contemporânea.**

***"To dust you shall return":  
a look at the crematoria and death today.***

Elisiana Trilha Castro<sup>1</sup>

**Resumo**

Este artigo apresenta parte das reflexões da tese de doutoramento que tem como temática a relação com a morte e os mortos na contemporaneidade. A proposta é abordar a cremação e o crescimento desse tipo de funeral como uma forma de refletir sobre questões pertinentes acerca do uso desse modelo funerário e sua relação com um ideal de morte escondida na atualidade. Por meio de um breve histórico e do debate de suas vantagens para a sociedade e para a saúde pública, encontradas em documento do início do século XX, pretendeu-se compreender qual a relação entre a cremação e a concepção de morte contemporânea.

**Palavras-chaves:** Morte. Crematórios. Contemporaneidade

**Abstract**

This article presents the reflections of the doctoral thesis whose theme is the relationship with death and the dead in contemporary times. The idea is to discuss the use of cremation and the growth of this type of funeral as a way of reflecting on relevant issues concerning the use of this funerary model and its relation with a hidden death ideal, today. Through a brief background and the discussion of its advantages to the society and public health that were found in a document, in the early twentieth century, we sought to understand the relation between cremation and contemporary death conception.

**Key words:** Death. Crematoria. Contemporaneity

---

<sup>1</sup> Graduação em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2004). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, no programa de Arquitetura, Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade e doutoranda em História (UFSC). Tem experiência na área de História, com ênfase em estudos sobre cemitérios. É vice-presidente da ABEC (Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais) e coordenadora do Interditus (Grupo de Estudos Cemiteriais de Santa Catarina). *E-mail* para contato: [elisiana.castro@yahoo.com.br](mailto:elisiana.castro@yahoo.com.br).



Esta obra foi licenciada com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 3.0 Não Adaptada](https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/).

*Os lanomami comem seus mortos.  
Fazem uma pasta de banana,  
que misturam com as cinzas  
do morto e a comem.  
Enterram os mortos  
dentro de si mesmos.*

*José de Souza Martins*

A concepção de morte ocidental influenciou na forma urbana e vice-versa. Essa influência redesenhou a territorialidade da morte de formas diferentes ao longo da história. A preocupação de enterrar ou dar aos mortos o seu último destino, e o fato do homem ser o único animal que cultua seus mortos, é o principal traço de hominização para autores como o sociólogo Edgar Morin (1970) e o antropólogo Louis-Vincent Thomas (1983). Tal condição torna a ritualização da morte, suas representações e espacialização, uma das importantes fontes para a análise das relações humanas.

Mesmo não estando presente em todos os povos, é fato que a maioria dos grupos humanos busca, de alguma forma, sepultar e ritualizar os seus mortos. Na cidade contemporânea, os estudos sobre a morte<sup>2</sup> apontam um distanciamento com relação à mesma: pouco se fala sobre a morte, e a proximidade com velórios, enterros e cemitérios, de certa forma, incomoda; há quem diga que nunca foi a um enterro. Uma observação atenta nos evidencia muitas expressões desse deslocamento cotidiano da morte.

Novas tendências apontam o que podemos chamar de falta de espaço/tempo para pensar na morte. Diferentes autores concordam com a ideia de isolamento desse tema e tem debatido formas de entender a morte e o modo como nos relacionamos com a nossa finitude. Para Norbert Elias (2001, p. 8), com relação a morte “[...] a questão raramente se coloca”. Para Cezário de Campos Ferrari (2006, p. 53), a morte vive um “[...] interdito contemporâneo que a atinge”. Já para Bernard Schumacher (2009, p. 15) “a morte desapareceu da comunicação cotidiana e a tendência da sociedade ocidental contemporânea é mesmo de suprimir tudo que a lembre”. Ainda para Schumacher (2009, p. 15-16) evita-se “a meditação tanatológica

---

<sup>2</sup> Esses estudos fazem parte da bibliografia consultada, elencadas ao longo deste trabalho.  
Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s., Florianópolis, v.13, n.102, p.135-152 jan/jun 2012

como a peste, pois é melhor tratar de coisas menos lúgubres e, poderíamos acrescentar, menos obscenas.”

É fato que parece não haver espaço para a finitude de cada um, de si. Faltam momentos que remetam à experiência que todos passarão um dia, dado as condições biológicas humanas, e para a qual devemos de alguma forma estar prontos e preparar os que nos cercam. Poucos velórios ainda ocorrem nas residências, boa parte são realizados em casas velatórias de igrejas ou que estão localizadas próximas aos cemitérios. Os mortos também não são mais vestidos por familiares e amigos, esta tarefa cabe ao agente funerário, e evita-se ficar muito tempo no velório.

Para Philippe Ariès (2003, p. 301) somente ganham espaços em nosso cotidiano as mortes por catástrofes, os grandes acidentes, ou seja “ [...] as formas de morte violenta, que ainda se pode acreditar diferente do fim que nos é naturalmente reservado.” É possível afirmar que nos canais de televisão e em muitas das casas só há lugar para a morte extraordinária, que só por um acaso do destino nos acontecerá em uma viagem de avião ou por conta de um *tsunami*, por exemplo. Hoje, de certa forma, as “imagens da morte” encontradas, a banalizam e a mascaram, com notícias que remetem a violência e insegurança, mas não a morte.

Ainda lembrado nas manchetes, o 11 de setembro, fala de vítimas: lê-se os nomes dos milhares de mortos nos ataques às torres gêmeas, mas fala-se pouco de morte. Mostra-se o choro dos familiares, dos amigos, colocam-se flores nos espelhos d’água, mas quase não se fala em como lidar com essa perda. Fala-se da morte como pano de fundo para o assunto eleito como central, o terrorismo. Parece evidente que mesmo quando a morte é a grande presença ela é geralmente deslocada do centro da discussão e também do cotidiano.

Em linhas gerais tais situações são alguns dos elementos que parecem compor parte de nossas atitudes diante da morte. Contudo a morte ainda ocorre e necessita impor-se e, dentre os seus espaços por excelência, está o cemitério. Lugar de muitas crenças e descrenças, ele faz parte de diferentes expressões do sagrado. Lugares dos mortos, eles são materializações da finitude humana e apresentam formatos que se modificaram durante a história da humanidade e que conformaram um modo de ver a morte, mas que estiveram sujeitos a importantes transformações históricas.

É fato que, cada vez mais, os nossos mortos são deixados em lugares que se perdem na paisagem, instalados em jardins ou em prédios que parecem comerciais. Um modo de convivência com a morte que foi histórica e socialmente construído, que difere de outras formas de perceber e lidar com o morto. Por exemplo, em “tribos Tupi, o morto não é privado de seu lugar, separado de sua casa e de sua família, é sepultado no mesmo lugar em que tinha a sua rede de dormir.” (MARTINS, 2005, p. 84). O que serve para pontuar que tal distanciamento do morto e os sinais da morte encontrados na atualidade incluem-se numa concepção e de uma ritualização de morte ocidental e de projetos que também devem ser lidos nesse contexto no qual

A evolução do cemitério testemunha ainda, num outro registro, o propósito de se instalar uma ruptura na coexistência entre vivos e mortos. Exilado para a periferia das povoações, cercado por um muro e dissimulado por árvores ele esteticiza exemplarmente a nova atitude de expulsão e de encobrimento. (CATOGRA, 1999, p. 45)

Apesar da expressiva presença nas cidades de necrópoles com suas cruzes, anjos e túmulos, é grande também a presença de tendências arquitetônicas que pretendem fazer do morto algo neutro, despercebido no cotidiano, longe da casa e dos vivos. São criados novos lugares para os finados em projetos arquitetônicos que revelam novas concepções de sepultamento. Dentre esses lugares podemos citar os cemitérios jardins<sup>3</sup>, repleto de flores, com poucas referências a um sepultamento e, também, os crematórios.

Modificando em sua forma, os sepultamentos abandonaram as igrejas, chegaram ao espaço externo em cemitérios extramuros<sup>4</sup>, com cruzes, santos, nomes, anjos e hoje vêm paulatinamente “desaparecendo” da paisagem urbana, em concepções de cemitérios parques, verticais, e crematórios.

Se desaparecer ou desfazer a presença da morte na contemporaneidade é uma expectativa, a cremação é o rito funerário que mais concorre para tal intento. Nela não há necessidade de dar ao morto um lugar individual de memória, com a

---

<sup>3</sup> Entende-se por cemitério-parque ou jardim aqueles localizados em áreas verdes, geralmente, sem construções tumulares.

<sup>4</sup> Entende-se por cemitérios extramuros, secularizados ou convencionais aqueles, em sua maioria, surgidos no Brasil no século XIX e que se caracterizam pela presença de sepultamentos realizados em construções funerárias, como túmulos ou mausoléus, podendo também aparecer na forma de cova simples, fora do espaço interno das igrejas. Também conhecido como a “céu aberto”, tradicionais ou monumentais.

opção de deixar as cinzas em casa ou jogá-las no mar. Mas para estabelecer possíveis relações entre a cremação e a forma como nos relacionamos com a morte na contemporaneidade, é necessário acompanhar brevemente os diferentes espaços ocupados pelos mortos no meio citadino.

Antes de se “exporem a céu aberto”, os sepultamentos ocorreram por muito tempo, até, praticamente, a metade do século XIX, dentro das igrejas, e obedeciam a uma lógica na qual se procurava garantir os melhores lugares para sepultar-se. Os lugares privilegiados eram os mais próximos aos altares e às relíquias dos santos, e acabavam atendendo aos mais abastados ou aqueles que haviam sido escolhidos, geralmente, por seus préstimos a Igreja, para ali estarem. Restava aos menos abastados e outros desafetos, como os acatólicos e suicidas, o cemitério ao lado da igreja ou áreas próximas.

As igrejas, espaços de intensa sociabilidade, aproximavam vivos e mortos. Junto aos entes que ali tão próximo repousavam, a vida seguia, sendo esses sepultamentos suspensos somente em caso de epidemias. As necrópoles ficavam no centro das cidades e a vida comunitária se desenvolvia à sua volta. A vida se dava em uma parceria entre os dois mundos próximos e distantes em sua essência e forma (ARIÈS, 2003), já que

A ideia de purgatório pressupunha, portanto, uma esfera de interação entre os mundos dos vivos e o dos mortos, na qual era possível para os vivos – mediante muito esforço – intervir no destino dos mortos. Sobre essa crença fundamentou-se toda uma vivência urbanística: era de fundamental importância para os vivos a proximidade física e cotidiana com os mortos, e as igrejas – cujo entorno ou interior havia séculos eram o local de sepultamento dos fiéis – tinham seu papel de estruturador do cotidiano das cidades, entre outros fatores, por representarem o local por excelência de desempenho dessa comunicação. (VILAR, 1995. p. 96)

Contudo, no início do século XIX ganha força uma campanha pela criação de cemitérios em lugares fora das igrejas e dos centros apertados das cidades. Pedia-se a instalação dos cemitérios a céu aberto inserida no contexto de uma lógica que vê como insalubre a prática de sepultar cadáveres dentro de igrejas já nas primeiras décadas do século XIX. Os poderes públicos, intervindo sobre as cidades, vão pensá-las como lugares livres de velhas práticas consideradas por tais poderes como anti-higiênicas e indevidas para o desenvolvimento de suas potencialidades. Dentre essas práticas, estão os mortos confinados no interior das igrejas. Aqui cabe lembrar a conjugação dos ideais higienistas com uma nova ordem econômica e

social ditada pelos signos e costumes da classe burguesa em ascensão neste período, que juntos passam a exigir novas práticas funerárias.

A criação de cemitérios extramuros foi uma das principais mudanças que se impulsionaram no contexto urbano com relação ao destino dos mortos. Tidos como necessidade sanitária, os cemitérios tiveram que se impor também como discurso e do ponto de vista simbólico. Retirados das igrejas, os mortos se reintegraram ao organismo urbano, principalmente, por meio da arquitetura funerária.

Dos cemitérios comunitários nas igrejas, onde poucos recebiam identificação e eram locais de enterramento impessoais, chega-se ao túmulo que hoje individualiza e registra a presença de quem ali “descansa”, sendo uma das formas de representar a relação dos vivos com seus mortos. Mesmo simples covas ou pequenas gavetas, que se contrapõem aos grandes túmulos com seus monumentos, julga-se que todos devam ter direito ao seu espaço, ainda que concedido por pouco tempo. Esses espaços de sepultamento e seus epitáfios referem-se à perda e aos que viveram, sendo referência dos que foram.

Ausente dos sepultamentos nas igrejas, a arquitetura passou a fornecer por meio de artistas ou marmoristas, profissionais que atuavam na construção de obras tumulares, a identidade individual ao morto ou à família, que deixou de receber apenas um número no chão da igreja. A arquitetura da morte, desde o projeto do espaço cemiterial até as construções de arte funerária, remete àqueles que só se fazem presentes através dessas representações, tornando-se em grande medida a arquitetura do invisível e tornando o cemitério um espaço de forte representação social, feito para as famílias e suas visitas dominicais, fortalecidos pelos ideais burgueses de cidade e civilidade.

Produzindo referências visuais e sendo suporte de crenças e desejos, a arquitetura funerária propõe novas maneiras de ritualizar a morte, formando a céu aberto uma geografia simbólica, distribuindo e representando espacialmente com anjos, santos, cruzes, túmulos, a morte fora das paredes da Igreja, sendo

expressão de nossa relação com a morte. Entretanto, o aspecto de grande parte da arquitetura funerária atual, expressão da dessacralização de nossa cultura, poderia ser também manifestação da recusa pueril ao *memento mori* na sociedade ocidental, que tenta minimizar muitas vezes esse choque, escondendo a dor, convertendo estes lugares em locais assépticos, neutralizados. (MASSAD; YESTE, 2006)

Não há como negar a importância das ações que mudaram a localização dos mortos no espaço urbano e os reflexos de novas formas também de relacionar-se com a morte. Se o século XIX viu os mortos se instalarem fora das igrejas, o século XX apresentará outras relações, recriando ritos e novos lugares para a morte.

Hoje os mortos habitam primeiramente o hospital e só depois vão para o seu destino final. Sabe-se que nas cidades modernas, quase ninguém morre em sua casa. O sociólogo Norbert Elias (2003) chama a atenção para o ocultamento da morte moderna nos hospitais, sem os ritos familiares tidos como necessários em séculos anteriores, nos quais a morte ideal, disseminada pela Igreja, previa que o enfermo em seus momentos finais estivesse cercado pela família, prestando conta de seus deveres religiosos e enfrentando uma disputa entre Deus e o Diabo por sua alma. A despedida deste mundo parecia requerer mais do que cuidados com as dores sentidas, era preciso também prestar conta de suas faltas e recomendar os ritos necessários depois de sua morte para a salvação da alma (ARIÈS, 2003).

Mas antes ainda de tratar da concepção de morte e de sua relação com a cremação, é importante também destacar que no Brasil, em algumas cidades e regiões, apesar do distanciamento estar presente na relação entre vivos e mortos, vê-se a permanência de velórios em casa, de costumes como a coberta d'alma que veste com as roupas do falecido um parente que o representa, dentre outros. Contudo, mesmo diante dessas permanências rituais, é possível afirmar que, principalmente nos centros urbanos, a morte está distanciada de diferentes maneiras, cabendo também destacar, que

A diversidade de sujeitos do processo histórico brasileiro e das contribuições que deram para a formação de uma cultura brasileira, que de fato não é uma cultura harmônica e de convergências, teve influências variadas no que podemos hoje, com menores relutâncias do que no passado, chamar de "cultura funerária brasileira". (MARTINS, 2005, p. 80)

Portanto, este universo de crenças e de rituais diversificados reflete diretamente na forma como novas concepções serão ou não integradas ao cotidiano de morte brasileiro, como as novas formas de sepultar, por exemplo. Ainda são encontrados muitos ritos que zelam pelo corpo, preocupando-se em não deixá-lo sem sepultura, que a alma encontre a luz que as velas colocadas nas mãos do moribundo trazem, já que

A inumação é inseparável de um ritualismo que tem nas práticas de conservação, de simulação e de dissimulação as suas atitudes simbólicas mais significativas, características que podem ajudar a compreender o cariz predominantemente monumental dos cemitérios cristãos e os fortes elos existentes entre a morte e a memória. (CATOGRA, 1999, p. 13)

Nesse contexto, além de ser considerado um equipamento urbano necessário à cidade, os cemitérios são também lugares onde se projetam o imaginário acerca da morte e dos mortos. Mortos que em muitos lugares no Brasil, caso não tenham descanso ou um sepultamento devido, podem virar “almas penadas”. Mas, mesmo com a presença de certas imagens rituais, é possível perceber mudanças significativas nas práticas funerárias e no modo como ritualizamos a hora derradeira.

O autor Clarival do Prado Valladares em sua obra “Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros” assinala, já nos anos 1960, algumas mudanças que vinham se delineando no horizonte das posturas com relação à morte e, principalmente, ao sepultamento. Ele ressalta os anúncios de cemitérios verticais que aparecem como uma saída para a densidade de sepultamentos metropolitanos e também a publicidade de cemitérios-jardins, e apontava que os cemitérios verticais serviam para ossuários e sarcófagos em um paralelo com os edifícios de apartamentos. No caso dos cemitérios jardins, nos rigores da arquitetura paisagística, estes possuíam vias de trânsito e estacionamento para automóveis, com sepulturas de caixas e gavetas de placas de concreto unidas pelo gramado, com pequenas estrelas assinalando o lugar do sepultamento (VALLADARES, 1970).

Se “o século XIX pode ser considerado em sua totalidade um período de transição para um novo modelo de relação entre vivos e mortos – pelo menos no que diz respeito à tradução urbanística dessas relações” (CYMBALISTA, 2002, p. 17), o século XX com seus cemitérios verdes, necrópoles-jardins e crematórios, pode ser considerado o período em que esses modelos mais se especializaram, fornecendo diferentes opções de inumação e de ritos.

Uma delas é a cremação. Negando em grande medida o próprio cemitério, ela se desfaz da necessidade de um lugar determinado e espacialmente criado para comportar os mortos, já que os restos mortais podem ser guardados ou dispersos em qualquer lugar, sem necessidade de uma demarcação, de registros e nomes. Reduzidos a cinzas, o finado pode ser “espalhado” em um jardim, ou colocado em uma urna, que fica em poder da família, ou ainda guardado em um nicho no cemitério.

O mercado fúnebre é dinâmico e se mostra capaz de apresentar novidades e também possíveis soluções para as grandes cidades. A tendência do mercado atual são os investimentos em cemitérios verticais e em cremação, e a procura por este último tem crescido de forma significativa. Muitos corpos são encaminhados para os crematórios e tem aumentado o número daqueles que ainda em vida já manifestam o desejo de serem cremados, uma opção cada vez mais popular. Philippe Ariès relacionou esse crescimento, já na década de 1970, com a necessidade de afastamento da morte (ARIÈS, 2003, p. 255).

A cremação é uma prática antiga que acompanha alguns grupos humanos. Ela era praticada em Roma e ganhou prestígio por meio de uma possível associação da prática com o ritual de queimar os soldados mortos, sendo que os “romanos praticaram, simultaneamente, os dois grandes ritos funerários, a cremação e a inumação” (GRIMAL, 1981, p.38).

Mas, diferentemente dos rituais pouco demorados observados em muitos crematórios na atualidade, na cerimônia romana,

enquanto o corpo não estava consumido, os parentes deviam permanecer ali perto. Depois, do meio das cinzas quentes, recolham-se os ossos calcinados. Lavavam-nos com vinho e encerravam-nos numa urna, deposta, em seguida, num sepulcro (GRIMAL, 1981, p. 39).

A cremação é desde a Antiguidade “ [...] o rito mais frequente [...]” (GRIMAL, 1981, p. 38) e foi utilizada na Europa em casos de epidemia por meio de piras. A prática da cremação também foi encontrada dentre

[...]os habitantes da Índia, a pátria de Brahma, Vichnu e Siva, sob a influencia de um clima insalubre, húmido e quente, viram um inimigo terrível no cadaver que se decompunha, causa mortis nas epidemias que os dizimavam. Em face de tantos perigos, não hesitaram em atirar á voracidade das chammas os restos mortaes dos seus entes mais queridos (FANZERES , 1910, p. 61).

Apesar dos hebreus terem feito “uso da incineração, que reservavam aos seus reis em signal de veneração e como testemunho de reconhecimento publico” (FANZERES, 1910, p. 63), o advento do cristianismo enfraqueceu a prática com a afirmação da crença na ressurreição de Jesus Cristo e também de todos os fiéis eleitos no Juízo Final quando Cristo voltaria para julgar os vivos e os mortos.

Mas a prática de inceneração dos corpos encontrou defensores ao longo dos anos. Na modernidade, a discussão começa no século XIX, com a publicação de um livro do médico Sir Henry Thompson intitulado “Cremação: o tratamento do corpo após a morte” (PORTAL FUNERARIA ON-LINE, 2006), mas é em uma tese inaugural de medicina, apresentada em 1910, na Faculdade do Porto em Portugal, que encontramos uma acalorada defesa desse método.

A tese defende a cremação como uma prática higiênica, como a única capaz de dar o devido destino aos corpos e declara que ela evita os inconvenientes presentes na inumação, oferecendo rapidez na consumação do cadáver (o que levaria anos na utilização da sepultura), além de evitar a presença de agentes causadores de enfermidades que possam contaminar aos vivos durante a decomposição do corpo. O autor da tese acrescenta que por fim, com o uso de crematórios tinha “[...] a certeza de evitar todos os inconvenientes dos maus cemitérios, que são quasi a regra” (FANZERES, 1910, p. 73).

A tese demonstra, por diferentes estudos, os inconvenientes encontrados na prática de sepultar em cemitérios, considerando que mesmo que esses locais reúnam as condições ideais para tal ação, ainda assim sua eficácia dependeria das condições de cada corpo, por exemplo, já

que a terra não destróe todos os cadáveres da mesma maneira e no mesmo espaço de tempo, pois até o proprio estado do corpo exerce influencia sobre a marcha da desagregação; que para assegurar a rotação continua dos cemitérios não basta determinar prazos fixos de renovamento dos covaes; e, emfim, que os cemitérios externos não garantem o saneamento de uma cidade, porque não é possível limitar a sua expansão natural, resultando, em pouco tempo, elles estarem rodeados de habitações (FANZERES, 1910, p. 56).

O autor da tese, Gabriel Cardoso Fanzeres, sustentava a eficácia dessa prática chamando em sua defesa a sua estreita relação com a observação dos preceitos higiênicos e afirmando que o método “[...] constitui um verdadeiro progresso científico apesar do seu uso remontar á mais alta antiguidade” (FANZERES, 1910, p. 57). Ele ainda ressalta que cremação é a forma ideal de dar destino aos corpos nos campos de batalha e que

O trabalho que a natureza leva tantos annos a desempenhar, expando populações inteiras a graves inconvenientes, cumpre-o a cremação com rapidez e sem perigos não deixando á superficie da terra mais do que uma pequena quantidade de cinzas inoffensivas. (FANZERES, 1910, p. 57)

Para a aceitação do método, recorre à derrubada das objeções, como a de que impediria a investigação criminal, contraditada pelo aperfeiçoamento dos equipamentos policiais e pelo desgaste dos preconceitos supersticiosos. E para desfazer a ideia de que o uso da cremação poderia ocultar crimes pelo desaparecimento do corpo, recorre para a observância dos rigores das investigações que não precisariam contar com o meio de inumação para a resolução de crimes, nestes termos:

Felizmente, esse perigo é apenas uma phan-tasia de imaginação dos que systematicamente combatem a cremação, porque todos sabem que os criminosos tem sempre meios de se furtar á acção da justiça, mesmo com o actual methodo da inhumação; e, entretanto, a vida individual não está sob esse constante perigo.

Se no methodo da inhumação com o exame medico-legal, apesar de fallivel, se pode impedir que haja grande frequência de crimes, também na cremação com uma pesquisa rigorosa, também fallivel, igualmente se evitará essa frequência. (FANZERES, 1910, p. 76)

Diante do documento aqui analisado é possível um paralelo com os grandes discursos e debates empreendidos em favor da retirada dos cemitérios de dentro das igrejas, como também os debates posteriores encontrados nas solicitações de transferência de cemitérios secularizados dos centros das cidades para lugares mais afastados, como foi o caso do 1º cemitério público de Florianópolis. Ele foi inaugurado em 1841 e, após algumas décadas de funcionamento, passou a ser alvo de pedidos de retirada, o que só ocorreu durante a construção da ponte Hercílio Luz, sendo desativado entre 1923-1926 (CASTRO, 2004).

Nesses três momentos, observa-se com frequência a utilização de expressões que remetem a higiene, saúde pública, progresso e civilidade. A cada defesa da nova forma de dar destino aos cadáveres as bandeiras são levantadas em prol desses elementos que parecem servir como suporte para as ações públicas que podem vir a ferir as práticas funerárias em voga, mas em dissonância com os saberes do poder público e de setores como a medicina.

Fora os debates, no caso do Brasil, o primeiro crematório foi instalado em São Paulo, no bairro da Vila Alpina, em 1974 (ARCOWEB, 2006). Sua proposta, ainda

inovadora naquele momento, tem se tornado cada vez mais comum e pode ser encontrada hoje em anúncios digitais como o que está a seguir:

Se você é favorável à cremação, adquira um plano em vida. A Cremação Previdente é o sistema de compra antecipada do Crematório Metropolitano. Através de pequenas parcelas mensais, você garante a sua tranquilidade e de sua família também. Resolva isto hoje mesmo e lembre-se: faz parte da vida. (CREMATÓRIO SÃO JOSÉ, 2006)

O aparecimento de novos empreendimentos desse segmento nas últimas décadas é sustentado pela noção que a prática da cremação é mais higiênica e ecológica, um item bastante de acordo com as discussões de sustentabilidade travadas atualmente. É tida igualmente como uma proposta arquitetônica possível para solucionar o problema do reduzido número de espaços para sepultamentos existentes em muitas cidades brasileiras e também para a saturação de antigos cemitérios ainda em funcionamento, algo que já fazia parte dos fatores apontados para a aceitação da cremação, presentes na tese a pouco abordada:

Os terrenos encarregados um certo numero de vezes do trabalho da decomposição cansam e recusam-se a satisfazer a tarefa imposta; n'isto consiste o phenomeno de todos conhecido por saturação dos cemitérios. Alguns auctores, entre elles Lacassagne, julgam a terra impotente para uma terceira inhumação. (FANZERES, 1910, p. 51)

Mas é fato que a cremação sofre ainda resistências. Na construção da oposição sofrida pelos crematórios pode estar a forte presença no imaginário da morte da necessidade de um lugar do sepultamento para a eternização, ritualização e devido descanso das almas. Pode ainda ser importante pensar a sobrevivência de dogmas como a ressurreição dos mortos, defendida pelo cristianismo, no qual o corpo feito em cinzas poderia ser um impeditivo.

É bem verdade que à medida que a morte foi novamente expulsa da cidade, tal como ocorreu com o fim dos sepultamentos dentro das igrejas e que décadas depois moveu a retirada ou desativação de cemitérios que foram engolidos pela urbanização, os mortos passaram também a repousar em túmulos que pouco lembram a morte. Mas apesar do afastamento da morte, muitos são os que ainda recorrem a seu espaço e a seus túmulos, como nos dias de Finados, para ritualizar a saudade, entre as referências de memória do morto.

Ainda sobre a contemporaneidade, é possível observar o fortalecimento da noção de que é possível apaziguar os incômodos causados pela morte de um ente com a contratação de um agente funerário que tomará conta de tudo, por meio de um aparato para fazê-la menos penosa para a família enlutada, dentro da lógica de uma sociedade consumista. Dentro dessa noção, ainda cabe a resistência ao luto sofrido. O luto não é mais um tempo necessário que a sociedade impõe, tornou-se um estado mórbido que deve ser tratado, abreviado e apagado (ARIÈS, 2003). Lógica onde se encaixa a cremação.

Os crematórios contemporâneos contam com projetos arquitetônicos que remetem a valores como paz e sobriedade, e são pensados como espaços para contemplação. Fazendo sumir os vestígios da morte, a cremação se estabelece, então, como uma tendência, comprometida, de certa forma, com a racionalidade.

É possível perceber que atualmente a opção pela cremação, e por sua ritualização, envolve a adoção de velórios, na maioria das vezes abreviados e com despedidas no mar ou em jardins. São cerimônias que primam de certa forma pelo asséptico, pelo contido, que na maioria dos formatos presentes no mercado parece excluir “[...] o culto dos cemitérios e a peregrinação aos túmulos.” (ARIÈS, 2003, p. 256)

Em Santa Catarina, por exemplo, já existe uma casa crematória e outras já estão sendo construídas ou apenas aguardando alvarás para funcionamento. Uma visita a tais lugares ou mesmo quem já participou de algum funeral em um crematório é capaz de confirmar as novas tendências. O cerimonial oferecido para o momento da despedida inclui efeitos e opções muito próximas das oferecidas em organização de cerimônias de formatura, por exemplo, com direito a imagens em telões, chuva de pétalas, pombos e músicas de homenagem.

Com a possibilidade de adquirir um plano de cremação para si, é possível escolher detalhes do funeral, podendo deixar já previstas a execução de determinadas músicas ou mesmo gravar uma mensagem aos familiares e amigos, como parte de sua cerimônia de despedida. As imagens em telões e depoimentos são apenas uma parte das novidades oferecidas pelas casas crematórias.

Também é comum encontrar à disposição nos crematórios um local para depositar as urnas com as cinzas do ente falecido. Em um desses empreendimentos, o local recebe o nome de “Sala de memórias”, onde a família também pode ornamentar o espaço, tendo a “[...] possibilidade de decorar o lóculo

com objetos que caracterizam a personalidade da pessoa que se foi” (FUNERÁRIA VATICANO, 2012). Como vantagens para utilização do local são destacadas a segurança e a disponibilidade de visitação sem restrição de horário.

Percebe-se em tais elementos a busca por uma proposta que torne esses lugares como passíveis de construir uma memória, algo que o ato da cremação parece negar. Um tipo de serviço oferecido para aqueles que assim desejarem, sem negar os seus princípios de sobriedade e de conforto aos enlutados. Essa estratégia parece procurar atender a necessidade de ter um lugar para ritualizar, já que, no caso específico citado acima e também observado em outras casas crematórias, nesse espaços são realizadas homenagens e celebrações especiais, como no dia de Finados e outras datas, como o dia das mães, dos pais e em muitas são oferecidas celebrações mensais.

Ainda para que a família possa deixar as cinzas nessa “Sala de memórias”, são oferecidas urnas de diferentes materiais e formatos, apesar de ser mais comum que as cinzas sejam dispersas em lugares que remontam a preferência do morto, que em muitos casos, deixa declarado o seu desejo pela cremação e também pelo local onde quer “repousar eternamente”.

Mas mesmo as cinzas sendo depositadas em columbários, o destino final remete a uma morte discreta e sem necessidade de registros do local de “descanso eterno”. São tais elementos presentes nos rituais de despedidas realizados em crematórios que melhor personificam o formato da morte contemporânea, se considerarmos que “a desritualização da morte consubstancia-se na rarefação generalizada do culto da morte” (BARBOSA, 2003, p. 37) expresso no aumento das incinerações, na diminuição dos rituais e da utilização da arte mortuária, de acordo com António Barbosa.

As cerimônias e velórios nesses empreendimentos são discretos, onde parece não haver muito espaço para manifestações de dor exageradas, algo que parece ir ao encontro das formas atuais de tratar o estado de luto. Para quem perdeu alguém, parece atualmente não haver mais a aceitação de manifestações antes bastante comuns, como o uso de roupas pretas (KOURY, 2001). Vale lembrar que o uso da cor preta ou mesmo de símbolos nessa cor são práticas encontradas desde a antiguidade, como em Roma, onde, “por vezes, numa família de luto, ou quando um parente ou um amigo era acusado de um crime capital, os homens

vestiam uma toga de cor escura, na maior parte dos casos, preta” (GRIMAL, 1981, p. 29).

No mercado atual também é possível encontrar um crematório especializado em atender os animais de estimação. A proposta do local é oferecer atendimento no caso de falecimento com recolhimento do corpo, local para realização de cerimônias, urnas para colocação das cinzas com reproduções de imagens de cães e gatos e placas de recordação (PET MEMORIAL, 2012). Esse serviço acompanha o crescimento de famílias que possuem animais de estimação e que mantêm uma relação bastante estreita e cercada de cuidados especializados em clínicas veterinárias e casas de produtos, os *pet shops*.

Por fim, com a diminuição da popularidade dos cemitérios convencionais, com suas cruzes e anjos, que já foram considerados lugares ideais para a família prestar as homenagens aos mortos, a cremação parece ganhar adeptos e crescem os investimentos nesse setor. Uma forma de ruptura moderna que parece esconder o corpo, com a supremacia de pequenos ornamentos e discricção no lugar de um túmulo monumental. Para autores como Ariès (2003), é a morte esvaziada, deslocada de nossas vidas, que tira o sentido de visitar o cemitério, dando assim espaço para procedimentos como a cremação. Mas isso não representa indiferença em relação ao morto, mas, para o mesmo autor, os traumas se agravam com o sofrimento escondido e com o isolamento atribuído a morte (ARIÈS, 2003).

Mas para uma sociedade que exilou a morte, que apresenta alto grau de individualização e que se especializou “em viver para consumir”, a morte é constantemente reinventada. Se as opções de jogar no mar ou depositar em urnas as cinzas dos entes queridos já não atendem à necessidade constante do “novo”, mais um serviço é oferecido por agentes funerários nos EUA, no qual as cinzas viram diamantes (LIFEGEM MEMORIALS, 2011). A patente do processo foi requerida pela *LifeGem Memorials*, pequena empresa de Chicago, que fornece o diamante acompanhado de certificado emitido pelo *European Gemological Laboratory*, de Nova Iorque. Em um mercado regulado pelo consumo e pela necessidade de inovação, até morrer pode ficar joia.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BARBOSA, António. **Pensar a morte nos cuidados de saúde**. *Análise Social*, Vol. XXXVIII (166), 2003.

CATROGA, Fernando. **O Céu da Memória**: cemitério romântico e culto cívico dos mortos. Coimbra: Minerva, 1999.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui jaz um cemitério**: a transferência do cemitério público de Florianópolis (1923-26). Trabalho de Conclusão de curso (Bacharelado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

CREMATÓRIO SÃO JOSÉ. Disponível em: < <http://www.cortel.com.br/cresaojose>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

CYMBALISTA, Renato. **A cidade dos vivos**: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo. São Paulo: Annablume; Fapesp. 2002.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**, seguido de “Envelhecer e morrer”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FANZERES, Gabriel Cardoso. **Inumação e Cremação**: ligeiro estudo sob os pontos de vista higienico e médico-legal. Porto: Typographia Universal (a vappor), 1910. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10216/17219>>. Acesso em: 8 fev. 2012.

FERRARI, Cezário de Campos. **Um novo conceito de funerária**. Piracicaba: C.N. Editora, 2006.

GRIMAL, Pierre. **A vida em Roma na antiguidade**. Publicações Europa-América, Portugal, 1981.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Ser Discreto**: Um estudo do Brasil urbano sob a ótica do luto. João Pessoa, GREM/UFPB, 2001.

LIFEGEM. Disponível em: < <http://www.lifegem.com/>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

MARTINS, José de Souza. Anotações do meu caderno de campo sobre a cultura funerária no Brasil. OLIVEIRA, Marcos Fleury; CALLIA, Marcos H. P. **Reflexões sobre a morte no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2005.

MASSAD, Fredy; YESTE, Alicia Guerrero. Cemitérios contemporâneos: entre a vida e a morte. **Vitruvius**. Disponível em: <[http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq060/arq060\\_02.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq060/arq060_02.asp)>. Acesso em: 27 set. 2006.

MENEZES, Hamilton F. Coisa de Primeiro Mundo. **Site cultural**. Disponível em: <<http://www.escriitorhamilton.net/blog.php?idb=25316>>. Acesso em: 27 jun. 2011.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. São Paulo: Europa – América, 1970.

SCHUMACHER, Bernard N. **Confrontos com a morte**: a filosofia contemporânea e a questão da morte. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

PET MEMORIAL. Disponível em: < <http://www.petmemorial.com.br/servicos.html>>. Acesso em: 11 set. 2011.

PORTAL FUNERARIA ON-LINE. Disponível em: <[http://funerariaonline.com.br/News/\\_Imprimir.asp?idenews=4959](http://funerariaonline.com.br/News/_Imprimir.asp?idenews=4959)>. Acesso em: 10 set. 2006.

FUNERÁRIA VATICANO. Disponível em: <[http://www.funerariavaticano.com.br/paginas/sala\\_de\\_memorias.html](http://www.funerariavaticano.com.br/paginas/sala_de_memorias.html)>. Acesso em: 8 jul. 2011.

THOMAS, Louis-vient. **Antropología de la muerte**. México: Fondo de Cultura, 1983.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros**: um estudo da arte cemiterial ocorrida no Brasil desde as sepulturas de igrejas e as catacumbas de Ordens e Confrarias até necrópoles secularizadas. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, vol. I, 1970.

VILAR, Hermínia Vasconcelos. **A vivência da morte no Portugal medieval**: a estremadura portuguesa, 1300-1500. Cascais: Redondo, 1995.

Artigo:

Recebido em: 11/04/2012

Aceito em: 26/06/2012